

LOURIVAL MIGUEL

AUTOR DE "O CAMINHEIRO DA HUMANIDADE"



NA CASA DA  
MÃE JOANA

(CONTO)



LOURIVAL MIGUEL  
AUTOR DE "O CAMINHEIRO DA HUMANIDADE"

NA CASA DA  
MÃE JOANA  
(CONTO)



**Copyright ©Embondeiro Editora, 2022**

**Título:** Na Casa da Mãe Joana

**Autor:** Lourival Miguel

**Contactos para palestras, workshop e cursos**

**Email:** [lourivalpaulo5@gmail.com](mailto:lourivalpaulo5@gmail.com)

**Facebook / Instagram:** Lourival Miguel

**Edição e Paginação**

Lourival Miguel

**Design de capa**

Embondeiro Editora

**Revisão**

Terêncio Sony | Antonica Cuiaila

**Marketing e publicidade**

Kuvala – Serviços de Psicologia e Educação

**ISBN:** 978-989-33-3557-4



EMBONDEIRO Editora, 2022

Avenida Directa do Patriota, n° 732 Honga. Luanda – Angola

Contactos: +2449264547/Email: [editoraembondeiro@gmail.com](mailto:editoraembondeiro@gmail.com)

É expressamente proibida a reprodução de qualquer parte do texto, sem autorização por escrito do autor.

A Todos Os Caminheiros  
Que Vivem Na Kafazenda

\*\*\*

A ALDEIA ESTAVA EM FESTA, chegara a nova residente da casa abandonada há anos, pois acreditava – se, que habitava na casa os demónios da vila, que alimentavam – se da pobre carne dos fígados, dos intestinos e dos corações dos animais selvagens. Ao chegar na companhia do guardião da aldeia, a população preparou uma noite de batuques, de danças e encantos, um banquete real para aquela que seria a libertadora da aldeia. No ensurdecer dos batuques, o guardião propalou as palavras de boas – vindas:

– Aldeões de Wande! – Fez uma pausa, passou sua língua pelos lábios para hidratá – los, olhou para árvore do soba, e firmemente continuou – Hoje, está no meio de vós a libertadora da casa imunda, imunda pelos espíritos dos nossos antepassados, imunda pelas atrocidades dos nossos opressores, imunda ainda pela incompetência de, de, de... – o guardião engasgou – se com a saliva que espumava boca afora.

A palavra incompetência, havia sido banida da aldeia, era um sacrilégio proferir tal palavra em público. As emoções fizeram o guardião esquecer a regra da aldeia, precisava imediatamente corrigir o que estava mal, continuou já recomposto.

– Vamos melhorar todo o sistema de abastecimento de produtos das necessidades básicas de nossa aldeia, nossa Wande será o símbolo da organização, do trabalho, da benevolência de nossos guardiões. E digo mais, a partir de hoje, podemos voltar a viver livres e felizes. – Sentenciou pedindo uma caneca com água para recompor sua energia.

Os aldeões ovacionaram de alegria, ouvia – se de longe o som dos batuques, a fumaça da fogueira era vislumbrada pelas aldeias vizinhas, vizinhas que deixaram ir para Wande a Mulher que haveria de libertar a casa imunda, trabalhar era a única coisa que aquela mulher sabia fazer.

Entrou na roda do batuque e deixou – se envolver pelo espírito de dança, fazia movimentos bem coordenados, desde os pés até ao lobo occipital, seu corpo

era um recital poético a beira – mar, com céu azul, estrelas cintilantes e um quarto minguante.

– A senhora parece estar a conectar – se com os espíritos da casa!?! – Disse o ancião, aos mais jovens.

– Esperamos que sim, desta forma é mais fácil convencê – los a abandonarem à aldeia, e assim, podermos reestruturar toda vida. – Afirmou o mais velho entre os jovens.

– E se ela ligar – se ao espírito da incompetência!?!  
– Exclamou temeroso outro rapaz de menor idade e maior lucidez.

– Óh rapaz! Não fala isso – alertou o ancião previamente, e depois continuou – o espírito da incompetência é maligno de mais, fez sentar no poder cabeças vazias, fez morada nas nações ricas em pobreza, deixou cidades em ruínas, levou homens a sepultura, fez multidões aplaudirem a própria miséria. – Concluiu o ancião em voz baixa.

A fogueira começou arder com maior intensidade, chamas vermelhas surgiram e subiam até ao limite da altura da mulher, seus movimentos rítmicos, faziam dançar o fogo também, enquanto a fumaça era

coordenada pelos movimentos de suas mãos que apontava de forma circular para porta da casa. As mulheres da aldeia faziam barulho, levando a palma da mão aos lábios, batendo os pés no chão, para dar voz ao instrumento feito de bambu que tinha amarrado no tornozelo, assobios dos jovens e crianças, crianças que perscrutavam pelas janelas de suas casas, eram proibidas de participar do ritual todos aqueles que não tivessem idade de fecundar.

O espírito da incompetência era o mais temido, a última vez que possuía um homem, este, andou nu pela aldeia inteira, foi comer com os porcos no lixo da casa imunda e ao anoitecer tirou sua própria vida.

– Vamos observar quanto tempo poderá ela levar para expulsar os espíritos da casa imunda. – Recomendou o ancião.

Enquanto isso, o grupo de jovens levantou – se para de imediato anichar – se junto da porta única que dava acesso a casa, e observar a mulher entrar aos toques de dança que pareciam expressar seu desejo de resolver os problemas dos aldeões.



A casa era diferente das demais dezassete que constituíam a aldeia, apetrechada até ao interior, janelas vidradas e tapetes nos corredores e entrada. Quadros, trajes, instrumentos musicais, cabaças, máscaras, missangas e outros artefactos, ornamentavam a casa.

Ao compenetrar a alma da casa, a mulher uivava cada vez mais, seus passos rítmicos com o som do batuque deram lugar a uma voz telúrica, que só os guardiões de andrajos vermelhos e pretos percebiam, a coloração branca da fogueira deu origem a fumaça amarela que cobriu a aldeia e floresta adentro.

Os jovens tiritavam de medo e ansiedade, ao verem luzes cintilantes no interior da casa, ora acesa, ora escura, uma escuridão linda, que permitia vislumbrar pela vidrada, toda aldeia, de modo central o embondeiro, o coração da aldeia, lugar de reuniões importantes e festas grandiosas, desde rituais de iniciação para meninos e maninas até aos óbitos.

– Parece que desta vez encontramos a libertadora da nossa miséria, da nossa fome aguda, da nossa pobreza que desfila nos campos férteis da nossa aldeia!

– Disse na maior admiração, o mais pequeno dentre os jovens. Sempre muito positivista.

O ancião respirou fundo, contemplou a mulher entrar na casa, fumou um pouquinho de seu *cachimbo*, e em voz mansa, sussurrou:

– Jovens! Sempre muito esperançosos, já vi entrar e sair desta casa várias pessoas, que chegaram com promessas de mudanças, de transformação social, de tornar arável nossa Wande, mas, foram só danças dos batuques, com os batuques e para os batuques. Mudanças de facto, não surgem de homens de fatos.

Após a mulher fechar a porta da casa, desatou aos berros, queimar – se – iam os olhos, era uma verdadeira batalha de espíritos. Os jovens correram em desespero da janela, não sabiam descrever o que sentiam e enxergavam dentro da casa. O vento levou a fogueira em direcção a casa, as mulheres e os percussionistas, acompanharam com seus instrumentos até dois metros da porta de entrada.

– A mulher não está conseguir pelejar os espíritos, parece que os fortificou sem querer. – Observou um dos aldeões que estava próximo da vidrada.

– Jovens! Vamos aumentar lenha na fogueira, de hoje não passa. – Incentivou o guardião.

– Vamos, vamos, vamos! – Responderam prontamente os jovens, entrando meio palmo no mato e colheram cada um, dois feixes de lenha para fogueira.

– Seremos livres! – Gritaram eufóricos, os anciãos sentados a cantarem, outros a xingularem aos deuses de seus ancestrais. Uns até, iam mais longe, retiravam brasas de fogo da fogueira, colocavam em suas mãos, fazendo movimento circulatório sobre a palma, e depois levavam a boca ainda acesa, apagando com sua saliva, e cuspiam sobre as paredes na parte exterior da casa.

– Óh mano! Essa mulher tem poder – disse Ngonga, olhando com admiração para multidão a volta da casa.

– Não tem nenhum poder. É tudo mentira dos guardiões, é teatro. – Alertou – lhe Makuta, enquanto servia em seu prato, guisado de carne, com quiabos, dinhungo, tomate, cebola, temperado com banha e acompanhado de funje.

– Homem de pouca fé. Dessa vez vai dar tudo certo. – Ngonga, franziu a testa, direcionou seus olhos

negros em Makuta, sentou bem junto do marido acariciando seu cabelo crespo.

O casal acompanhava o ritual de longe, Makuta, esclarecido pela frequência a sede municipal e por sua actividade lectiva dentro da aldeia com as crianças e os adolescentes, não aceitava de leve espírito, qualquer ritual que não fosse uma herança de seus ancestrais benéfica para comunidade.

– Dá minha cabaça de *Caxipembe*, mulher! – Ordenou Makuta, estendendo o braço esquerdo, com a palma da mão voltada para o céu, mostrando sua cicatriz.

– Se der certo, seremos obrigados a mudar de aldeia! – Exclamou temerosa, Ngonga.

Ouviram partir os vidros das janelas, cair os quadros, rebentar as missangas, partir as cabaças, rasgar os trajes, e os gritos e xinguilamentos da mulher aumentavam a cada minuto que marcava o relógio.

Passados quarenta e sete minutos, os aldeões ficaram mais tensos, cansados e desesperados. Não sabiam se a mulher estava em bom caminho ou se estava a ser derrotada pelos espíritos da casa, casa do

centro da aldeia, que tirava o sono de todos, todos menos o Ngana Soba.

– Mana, porque o avô não faz nada? Só olha e fuma seu *cachimbo*? – Perguntou uma das crianças, que corajosamente observava todo o ritual, sem medo de perder sua futura fecundidade.

– Não faz barulho, se nos verem aqui, estamos perdidas, nunca poderemos ter maridos, nem lavras e muito menos filhos. Fique quieta! – Ordenou a menina mais próxima da puberdade.

– Toquem mais alto os batuques, dancem todos com alegria, cantem mais alto, roguemos aos nossos ancestrais e a mãe natureza! – Animava o povo, o guardião da cidade.

– Não vamos tocar mais, estamos cansados de ir buscar lenha. Essa casa maldita é vossa culpa, não sabem distribuir com dignidade e igualdade as riquezas das lavras. – Asseverou em berros, um dos jovens.

– Sim, não honram o sangue de nossos ancestrais. – Acrescentou outro jovem, junto da fogueira, com um feixe de lenha nos braços.

– Vamos manter a calma, eu sou autoridade aqui.  
– Fez sentir sua soberania, o guardião.

– Que autoridade que nada?! Você é um Zeca diabo, daqueles que te enviaram aqui. – Voltou a reivindicar o jovem próximo a fogueira, já sem a lenha nos braços, espumando saliva boca afora.

– Vou mandar capturar e prender todos os rebeldes. – Retorquiou o guardião, tremendo os lábios e sentindo um frio curto na barriga.

– Parem com isso, jovens. – Alertou, o ancião.

– É melhor ouvirem os mais velhos. – Disse uma velha de cabelos cansados, que tocava um instrumento de percussão, era muito apreciada pelos jovens.

– Não vamos calar, é hora de por esses lobos a correrem pelo mato e não mais voltarem. – Voltou a reivindicar o jovem próximo a fogueira, dessa vez, segurava firme com a mão direita uma metade de lenha acesa na ponta, e com a mão esquerda uma garrafa de petróleo.

– Não é possível! – Caíram em lamúrias as mulheres da aldeia.

Depois de pela casa passar vários homens na tentativa de livrar, organizar e tornar a casa um verdadeiro viveiro, ser frustrada. As mulheres tinham esperança que seria desta vez que conseguiriam tal proeza, por vir de uma mulher que conhecia bem as entranhas da casa.

Todos esperavam por mais um discurso acrimonioso do guardião da aldeia. Este que parecia incrédulo ao observar os factos. Soergueu a cabeça lentamente, com altivez exclamou:

– Precisamos esperar, deixar a mulher trabalhar, os espíritos são difíceis de combater. Não podemos perder a esperança agora!

– Deve ser um castigo dos deuses pela palavra que o senhor pronunciou. – Brandou entre os aldeões, uma jovem destemida.

– Sim! O senhor falou de incompetência. – Asseveraram as mulheres em coro.

O guardião tombou desamparado, por não conseguir trazer até a casa, uma verdadeira libertadora. Precisava se recompor, para de alguma forma ludibriar

os aldeões. Prometer e não cumprir era especialidade do guardião da aldeia.

– Meus jovens! Esperar não pode ser sinónimo de estar parados, vamos destruir a casa ou os guardiões? – Gritou Makuta, desde o quintal de sua casa, que distava a cem metros, afiando sua catana sobre a pedra.

– Não façamos isso. – Disse inicialmente o guardião da aldeia, e continuou – já sei de quem é a culpa das nossas desgraças. – Concluiu em mistério.

– Quem é? – Os aldeões perguntaram em coro.

– É do Ngana Soba. – Expressou sua intenção malévola.

Instaurou – se um silêncio fantasmagórico, compenetraram – se os olhares, os jovens patrulhavam com os órgãos sensitivos se alguém poderia sair da casa do Ngana Soba, que encontrava – se sentado em sua cadeira de madeira, no quintal vedado de pau – a – pique até à altura da cintura, fumando seu *cachimbo*, bebendo *marufô*, e comendo jinguba torrada com *maiaca*.





**LOURIVAL MIGUEL**, nascido aos 27 de Setembro de 1995, na província de Luanda. Licenciado em Ciências da Educação, na especialidade em Ensino de Psicologia, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED – Luanda). É Professor de Psicologia e Metodologia de Investigação Científica. É mentor do projecto: Meu Bairro, Meu Consultório: Encontro de Universitários. E co – fundador do projecto Omwenho.

Desenvolve actividades profissionais de: orientação vocacional – profissional, assessoria académica para estudantes universitários, acompanhamento pedagógico para estudantes finalistas do I e II Ciclo do Ensino Geral e reforço escolar.

Autor dos livros: “O Caminheiro da Humanidade”, publicado em 2020, pela Páginas Editora. E “Na Kafazenda”, publicado em 2021. Escreve preferencialmente ficção em prosa.

***NÓS E OS LIVROS!***

---



**A ROBUSTEZ DO CONHECIMENTO**

---